

ANÁLISE

A comandante do USSOUTHCOM discursa no Congresso dos EUA



As opiniões expressas nesta publicação são de seu autor, não refletem, necessariamente, as do CEEEx ou do Exército Brasileiro.

A ANÁLISE

A publicação "Análise", conforme o próprio nome indica, destina-se a publicar a análise de fatos recentes, a fim de contribuir para o entendimento da conjuntura atual.

Trata-se de uma publicação do Centro de Estudos Estratégicos do Exército (CEEEx) sem periodicidade definida.

Nesta edição, será feita uma análise sobre o discurso da General do Exército dos EUA Laura Richardson, Comandante do US SOUTHCOM, no Congresso do seu país, no dia 08 de março de 2023. Ao prestar contas sobre a atuação do seu comando, a general desvela vários aspectos importantes sobre a atuação norte-americana na América do Sul, com reflexos para o Exército Brasileiro e para o Brasil.

OS AUTORES

PAULO ROBERTO DA SILVA GOMES FILHO

Coronel R/1

Oficial de Cavalaria, da reserva remunerada, do Exército Brasileiro. Mestre em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME 2008). Foi instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Foi gerente do Projeto Combatente Brasileiro (COBRA). Comandou o 11º Regimento de Cavalaria Mecanizado em Ponta Porã/MS. É analista do CEEEX.

ENIO MOREIRA AZZI

Coronel R/1

Oficial de Infantaria, da reserva remunerada, do Exército Brasileiro. Doutor em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Graduado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Comandou o 37º Batalhão de Infantaria Motorizado, em Lins/SP. É analista do CEEEX.



A 7ª SUBCHEFIA

No dia 18 de fevereiro de 2022, foi publicado, no Boletim de Exército, o despacho decisório do Comandante do Exército, reativando a 7ª Subchefia/EME.

Com a missão focada no futuro do EB, a 7ª Subchefia do Estado-Maior do Exército está constituída pelo Centro de Estudos Estratégicos do Exército e pelas seções de Conceitos Futuros e de Gestão de Capacidades.

A reativação foi resultado de amplo estudo que começou, em 2019, com a criação da Seção "Exército do Futuro" na 3ª Subchefia/EME.



A Comandante do Comando Sul do Exército dos EUA presta contas ao Congresso

1. O pronunciamento da general Laura Richardson

A general Laura Richardson, Comandante do Comando Sul dos EUA (US SOUTHCOM), grande comando conjunto e combinado das forças armadas daquele país que tem como área de responsabilidade a região da América Latina e Caribe (ALC)¹, exceto México, esteve perante o Comitê dos Serviços Armados² da Câmara dos Representantes do seu país no último dia 8 de março, em uma prestação de contas periódica.

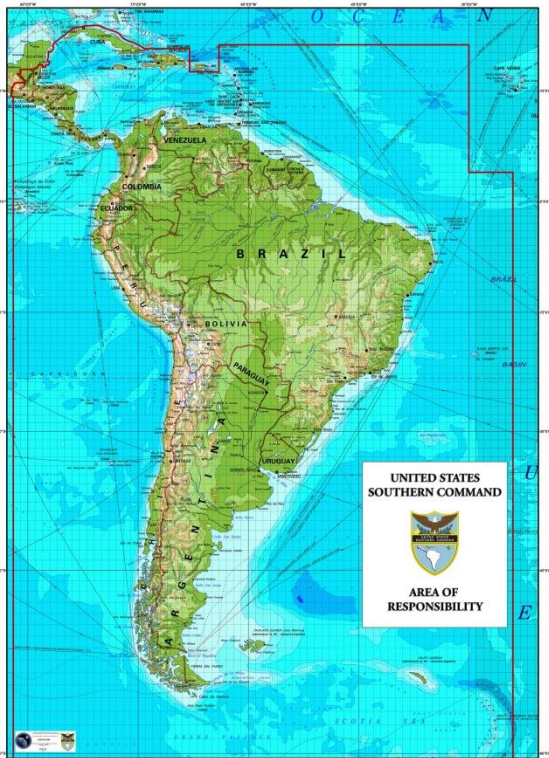


Figura 1 - Área de responsabilidade do US SOUTHCOM

¹ Neste texto, a sigla ALC se referirá à Área de responsabilidade do US SOUTHCOM

² O Comitê de Serviços Armados analisa o projeto de lei anual de autorização do orçamento de defesa nacional, que abrange as operações do Departamento de Defesa (DoD). O presidente do Comitê é o Deputado Republicano Mike Rogers. <https://armedservices.house.gov>

Inicialmente, é necessário destacar que a natureza do encontro – uma prestação de contas – se reflete na forma como a comandante organiza suas ideias, destacando a importância de seu comando e as dificuldades que enfrenta, com o objetivo claro de sensibilizar os congressistas, de modo a angariar no Congresso os recursos orçamentários e apoios que julga serem necessários para o cumprimento da sua missão.

O [discurso](#)³ da general desvela de forma bastante clara as preocupações de segurança daquele país para com a região, com óbvias consequências para o Brasil.

A general relembra que a Estratégia Nacional de Segurança dos EUA identifica a presença de “atores malignos⁴”, ou “autocracias que trabalham para minar as democracias” externas à região, nominando-as: China e Rússia. Esses países são acusados de atuar de forma multidisciplinar e em múltiplos domínios para “minar as democracias da região” e “conter” as iniciativas do Comando Sul.

A China é apresentada como um ator de crescente influência, cujo comércio com a região aumentou de 18 bilhões de dólares em 2002 para 450 bilhões, em 2022. Esses números mostram uma erosão na vantagem norte-americana no comércio com a América Latina e o Caribe. A general Richardson destaca que a China está investindo em portos de águas profundas que “em caso de conflito com a China podem ser usados para restringir o acesso de navios militares e mercantes norte-

³ Leia em [2023 SOUTHCOM Posture Statement FINAL.pdf](#)

⁴ O termo usado, em inglês, foi “malign”. Pode ter um significado menos literal, como “pernicioso”, “danoso” ou “deletério”.

americanos à região”, e em instalações espaciais e cibernéticas “com potencial uso dual comercial e militar nefasto”. Ela considera esse um risco estratégico que “não pode ser aceito ou ignorado”. A comandante também acusa a China de ser “o maior perpetrador” de crimes ambientais na região, especialmente a pesca e a mineração ilegais e a exploração ilícita de madeira.

A Rússia é acusada de atuar “em conluio com regimes autoritários da região para minar a influência norte-americana”. As atividades militares do país com a Venezuela e com a Nicarágua foram lembradas pela general. O país também é acusado de operar uma campanha de desinformação que tem os países latino-americanos e do Caribe como alvos. Nesse sentido a comandante declara que seu Comando “está em constante luta para conter e remover a desinformação propagada por contas *fake* e para corrigir as falsas percepções por elas espalhadas”.

As organizações criminosas transnacionais (OCT) da região são acusadas de contribuir para a morte de mais de 100 mil norte-americanos, em todo o território dos EUA, “do Alabama a Washington, de Rhode Island a Mississipi”. O Comando Sul estima que existam 200 grupos criminosos e 4 grupos terroristas operando na sua área de responsabilidade. O grupo criminoso Primeiro Comando da Capital (PCC) é citado, destacando-se que ele opera nas cidades do Brasil, na região amazônica, no Paraguai, na Bolívia e nos próprios EUA. Aqui é interessante destacar que o México, país que faz fronteira com os EUA e onde se encontram as organizações criminosas cujas atividades ilícitas, em razão de sua proximidade geográfica, mais fortemente influenciam a criminalidade

apontada pela general Richardson em seu país, não faz parte da área de responsabilidade do SOUTHCOM, o que claramente afeta a credibilidade das estatísticas que ela aponta em seu pronunciamento.

Para fazer face a esse conjunto de ameaças, consideradas inaceitáveis pela general Richardson, foram apresentadas as ações em curso pelo Comando Sul. **Fortalecer as parcerias** com a região, criando confiança entre as partes, foi a primeira delas. Uma das ferramentas para isso é o conceito de “**Dissuasão Integrada**”⁵, já apresentado em documentos anteriores, como a “Carta de Brasília”, a declaração que resultou da reunião de ministros da defesa do continente americano, realizada em 2022.

A comandante declara que “**a principal prioridade do Plano de Campanha do Comando Sul é expor e mitigar as atividades malignas da China**”. Ela considera que a competição estratégica entre os EUA e a China na região é uma disputa ideológica entre democracia e autoritarismo, e que a melhor maneira dos EUA vencer essa disputa por influência é auxiliando os governos dos países da região a fazer boas entregas às suas populações. Nesse sentido, Richardson acredita que, por meio de **cooperação na área de segurança**, exercícios conjuntos e programas de treinamento, o Comando Sul “promove valores democráticos que vão assegurar que influências nefastas e autocráticas não se aprofundarão na região”.

⁵ O Departamento de Defesa dos EUA (DoD) adotou o conceito de dissuasão integrada na Estratégia de Defesa Nacional (NDS) de 2022. A dissuasão integrada busca integrar todas as ferramentas do poder nacional em todos os domínios, geografia e espectro do conflito, enquanto trabalha com “aliados e parceiros”.

Outra ferramenta citada é a **assistência na área de segurança**, especialmente pelos programas de *Foreign Military Sales* (FMS), *Foreign Military Finance* (FMF) e *Excess Defense Articles* (EAD). Nesse sentido, a general citou como exemplo a recente aquisição, pelos fuzileiros navais brasileiros, por US\$ 15,8 milhões, de 12 veículos táticos leves.

Diversos outros exemplos de **cooperação** com os países da ALC foram citadas pela comandante, como a realização de exercícios conjuntos, operações de apoio humanitário e de assistência à saúde, apoio de engenharia, reuniões com autoridades de alto nível na área (a general Richardson relata ter se encontrado pessoalmente com oito presidentes, três vice-presidentes e dois primeiros-ministros, além de ministros e comandantes de forças). Nesse ponto, é interessante destacar as palavras da comandante do SOUTCOM: *“Relacionamentos importam e nossos parceiros democráticos estão desesperados por assistência dos EUA. Mas, se nós não estivermos disponíveis na hora, eles não terão outra escolha a não ser pegar o apoio que estiver disponível, criando oportunidades para que a China expanda sua influência.”*⁶ Para exemplificar seu raciocínio, Richardson citou o exemplo das vacinas contra a Covid-19, quando países da região importaram vacinas chinesas ou russas, porque as norte-americanas não estavam disponíveis.

Além disso, a general Richardson lista medidas específicas no apoio a parceiros regionais, referentes a aumentar suas capacidades e resiliência na área cibernética. Nesse sentido, o US SOUTHCOM está agindo no sentido de *“conformar narrativas pró-EUA, conter a*

desinformação promovendo informação baseada em fatos e reduzir a influência de adversários no ambiente informacional”.

2. Conclusões

Fica claro que, em consonância com o previsto na Estratégia Nacional de Segurança dos EUA, o US SOUTHCOM trabalha para **manter o status quo** norte-americano no Hemisfério Ocidental, mitigando a presença ou intervenção de potências extrarregionais.

Como se sabe, a China vem desenvolvendo seu projeto comercial global e a sua presença na ALC é uma extensão do programa que partiu da Ásia, Europa e África. A atuação se concentra na obtenção das *commodities* alimentícias, minerais e energéticas de que ela necessita. Também tem foco na exploração comercial de áreas estratégicas como transportes e telecomunicações. Ao mesmo tempo, a China vai disseminando discretamente sua cultura e seu projeto de governança da segurança global (*Global Security Initiative*⁷). Tudo isso **representa uma ameaça à economia e à hegemonia regional norte-americana**, uma vez que a China vai ocupando espaço anteriormente dominado pelos EUA.

Os EUA consideram que a Rússia representa uma grave ameaça à segurança global devido a suas pretensões territoriais e de projeção de poder militar – particularmente nuclear – além de deter poder de veto no Conselho de Segurança da ONU. O pior cenário para os EUA é o aprofundamento da parceria entre a Rússia e China, principalmente em termos militares. Do ponto de vista russo, sua

⁶ Tradução nossa.

⁷ Saiba mais em https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/wjbxw/202302/t20230221_11028348.html

presença na ALC é pontual e tem caráter estratégico na medida em que caracteriza a possibilidade de exercer um contraponto aos EUA na região, angariando apoios no sistema internacional.

A terceira preocupação é com o crime organizado transnacional, preocupação compartilhada com boa parte dos países da ALC, por representar a principal ameaça em termos securitários na região, podendo comprometer inclusive o pleno exercício da soberania em áreas dos países onde há maior atuação das organizações criminosas.

Para fazer face às ameaças apresentadas, o US SOUTHCOM apresenta suas ações, que tem por base a estratégia da dissuasão integrada: 1º) em termos operacionais, a realização de intercâmbios e cooperação nas áreas de ensino, exercícios, treinamentos, adestramentos e fornecimento de SMEM; 2º) estabelecimento de ligações de Comando; e 3º) realizações de ações subsidiárias, prestando assistência nas áreas de saúde, engenharia (infraestrutura) e assistência humanitária.

Dessa forma, da análise do discurso da general Richardson, pode-se concluir que:

1. O Brasil e a ALC continuam secundários nas prioridades dos EUA em matéria de Defesa. Porém, a inserção chinesa na região representa, na visão do US SOUTHCOM, uma ameaça aos interesses norte-americanos. Os EUA, que consideram o hemisfério ocidental sua área de influência histórica, temem ser obrigados a compartilhar sua influência com um ator externo.

2. O US SOUTHCOM orienta-se pela Estratégia Nacional de Segurança que,

desde a edição de 2017, estabeleceu as ameaças descritas no documento atual, de 2022⁸.

3. O pronunciamento da Gen Richardson não oferece nenhuma novidade em termos de cooperação. O SOUTHCOM tenta obter mais resultados, com menos recursos, com os mesmos meios e nenhuma mudança de prioridade dos EUA para com o “hemisfério ocidental”.

4. O que é colocado com ênfase é o esforço de engajar parceiros, convencendo-os a considerar as ameaças percebidas pelos EUA como suas próprias, a fim de fortalecer a presença norte-americana na região e conter o avanço da presença chinesa e russa no subcontinente. Dessa forma, o US SOUTHCOM segue a estratégia da dissuasão integrada proposta pelo Secretário de Defesa do EUA.

5. Embora o documento não destaque nenhum país da ALC como preferencial, é possível que neste escopo, o EB receba mais propostas de engajamentos conjuntos, inclusive nas áreas de telecomunicações e cibernética, além de compartilhamento de informações.

6. A atuação do EB em face das interações propostas pelas Forças Armadas norte-americanas, especialmente por intermédio do US SOUTHCOM depende em grande medida da condução da política externa brasileira, que no momento não pretende se aliar a nenhuma das potências globais, tentando tirar o máximo proveito das relações com ambas. A China é o maior parceiro comercial do Brasil, porém com uma interação em termos de defesa muito incipiente. Os EUA possuem valores

⁸ Leia em <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2022/10/Biden-Harris-Administrations-National-Security-Strategy-10.2022.pdf>

culturais mais alinhados aos brasileiros, são também um importante parceiro comercial, possuem uma proximidade histórica com o Brasil, além de ser o país com o qual o EB tem os laços mais estreitos em termos militares.

7. Dessa forma, é importante ressaltar que as interações do Exército Brasileiro com as forças armadas das potências globais sempre estarão alinhadas com as diretrizes da política externa brasileira, da qual a chamada “diplomacia militar” é uma das ferramentas. Não se pode esquecer, também, que elas ocorrerão enquadradas no cenário de competição entre grandes potências, o que demandará cuidadoso estudo de situação. Essa circunstância, embora possa eventualmente criar embaraços, pode também, se explorada de forma inteligente, criar oportunidades em várias áreas de atuação, sem perder de vista os valores institucionais e a missão constitucional do Exército Brasileiro.



Quartel-General do Exército,
Bloco A,70630-970, Brasília-DF
(61) 3415-4597/ ceeex@eme.eb.mil.br
Facebook: www.facebook.com/ceeexeb